



ricardo giuliani
13

RICARDO GIULIANI
ANDANÇAS
PERAMBULANÇAS





© Ricardo Giuliani

Produção

Leticia Lau\Babilônica

Textos

Ana Zavadil

Gustavo Machado

Ricardo Giuliani

Projeto gráfico

Pubblicato Editora

Fotografia

Nilton Santolin e Douglas Costa

Impressão

Impressos Portão

Tiragem

500





RICARDO GIULIANI
ANDANÇAS
PERAMBULANÇAS



IDEIAS DE PALAVRA E TINTA

POR GUSTAVO MACHADO

Jornalista

Gustavo Machado nasceu em Porto Alegre, em 1970. Seu romance de estreia, *Sob o céu de agosto*, foi publicado no Brasil pela Dublinense, em 2010, e na Alemanha, pela Ars Vivendi, em 2013. É jornalista político, já atuou na imprensa e em órgãos governamentais, e lançou, com Ricardo Giuliani Neto, em 2012, o livro de entrevistas *Não somos tão bacanas assim: uma conversa sobre a política que preferimos calar*, também pela Dublinense.

No que se refere a Ricardo Giuliani Neto, há muitos mundos convergentes. Um deles se consolida como repositório de um conjunto fascinantemente heterogêneo: o universo das artes plásticas.

Trata-se de uma verdade antiga e quase matemática: não há arte que não guarde, mesmo que em diminuta carga, um pedaço do artista que a cometeu. No caso de Ricardo Giuliani, esta carga é ampla, intensa, ostensiva, direta. Nos trabalhos que têm neste catálogo um significativo panorama, vê-se no trabalho do pintor todo um universo do homem multifacetado, que sustenta suas opiniões com a

mesma disposição que tem para mudá-las sempre que encontra um argumento antagônico que o convença. Sim, porque Giuliani é contraditoriamente imodesto e generoso. Sobretudo com as próprias crenças.

Pela incontáveis escolas e experiências criativas contidas ao longo deste instigante passeio visual, vê-se os fantasmas e os totens do homem sincera e profundamente comprometido com as questões fundamentais do humanismo. Estão ali o professor universitário, o escritor ensaísta, o militante da esquerda clandestina, o ítalo-brasileiro macarrônico, o músico sensível, o batalhador



incansável que, quanto mais trabalha, mais sorte tem. Está ali o Giuliani pai. E, principalmente, o filho. Um filho rico em determinação, perseverança e fé nas próprias ideias; não confundir ideias, por favor, com ideologia.

Num momento de profunda reflexão por conta de uma perda afetiva que se avizinhava, Giuliani decidiu mergulhar a fundo e a sério no universo das artes plásticas. Levou no mesmo a riqueza de todos os seus outros universos acumulados ao longo da vida. Não há ali exatamente uma catarse; muito mais uma das tantas reinvenções a que este artista ciclicamente se impõe.

Para dar vida à nova arte em profusão, Giuliani reinventa vida e obra, muda hábitos, horários, muda o empregar do próprio tempo e se dedica com entrega absoluta às tintas e pincéis. Transformou o escritório de advocacia num estúdio-gabinete. Como resultado: num curto espaço de tempo tornou-se um artista reconhecido, com um trabalho no acervo do MARGS, sonho que não chega a ser concretizado em vida pela maioria dos artistas chamados pela natureza.

Há muitos mundos num só, o das artes plásticas

de Giuliani. A crônica social contemporânea está toda aqui, nestes quadros. E também os fundamentos da Teoria Geral de Estado. E a crítica a tudo que se julgar inatacável. Embora uma significativa parcela de sua obra flerte com vertentes mais acadêmicas, Giuliani é sobretudo um adepto da experimentação. Carvão, óleo, lápis, acrílico, papel, tela, madeira ou “chapas” radiológicas, não importa. Tudo é meio e plataforma para mostrar o mundo como ele mesmo vê. Um mundo pelo qual Giuliani não desistiu de lutar, com palavra ou tinta.



FAZER ARTE É FAZER A VIDA

POR RICARDO GIULIANI
Artista Visual

A ambiguidade, ou a polissemia, da expressão “fazer arte”, nos manda pra tenra infância, pra explosiva adolescência e pra madureza dos dias atuais. Fazer arte é libertar o inconsciente; viver a vida sem amarras ou responsabilidades, anular as hipocrisias do politicamente correto, despreocupar-se com as repressões postas por um mundo de significados “consensuados” e por uma estética admitida pelos que nos admitem ou demitem desta ou daquela sociedade, deste ou daquele grupo social, desta ou

daquela galeria ou museu, é fazer arte, ou, pelo menos, esta é a arte que eu quero fazer!

A arte que faço é a expressão sincera do mundo como o vejo; minha arte é o Eu no mundo, o Eu neste mundo e o Eu livre das amarras que me impediriam de mostrar-me integralmente ao Outro.

Sim, me dispo com o discurso que elaboro em manchas, riscos e tintas, nos meios que estiverem à minha disposição. Tenho a pretensão de ser compreendido ao deliberadamente discursar para a vista. O mundo que vejo e sinto é o que quero contar para o Outro; por isso risco, mancho, figuro tudo aquilo que possa “estranhar” o meu observador de modo a

permitir-lhe o dialogar comigo e com a vida, e tudo a partir das sensações que o seu próprio mundo lhe dá e ensina.

Minha obra é fracionária e humilde. Fracionária porque o mundo que sinto é fracionário feito imagem e semelhança dos seres humanos, diferentes, polissêmicos e multifacetados; humilde, porque ao estar despreendida de qualquer cânone, de qualquer viés acadêmico, de qualquer amarra que o senso comum teórico pretende impor, pede crítica como condição para existir e desenvolver-se. É humilde porque está disposta a aprender com tudo aquilo que ouço, que vejo e que a academia ensinou e ensina e, fundamentalmente, porque atenta ao sentimento e a expressão do Outro para o qual é elaborada.



A minha obra, como qualquer obra humana, não existe para mim mesmo ou para o meu agrado. Ela existe porque faço arte!

Por vezes há uma pretensão de enquadramento do artista nesta ou naquela escola, neste ou naquele movimento. Até aceitaria uma eventual “classificação”, se fosse para fins eminentemente didáticos ou académicos; jamais admitiria um “enquadramento”, seja ele qual for. Os “enquadramentos” nascem de arbitrariedades postas pelos que se dizem “autorizados” a falar sobre arte, sobre uma determinada arte, e, fundamentalmente, tais enquadramentos, trazem consigo um desejo de admissão

num ambiente que é, cada vez mais, comercial e pertencendo aos admitidos pelo discurso “autorizado” a definir a “boa arte”, a arte das commodities.

Arte é sensação, sentimento, é capacidade de ser (in) compreendido, e até – não mais que até – vendido!

Comecei nas artes visuais em março de 2012, por motivos absolutamente postos fora do meu controle e dos meus desejos. Estivesse meu Pai pelas bandas de cá, talvez seguisse eu escrevendo os livros que escrevia e tocando com a banda que tanto gostava. Mas, quando o Ricardinho, meu Pai, começou a caminhada pras bandas de lá – como dizem os que creem –, nasceu em mim a necessidade de um modo de expressão que nunca antes havia experimentado. Jamais

havia desenhado o famoso gatinho com as duas bolinhas e um risco sinuoso marcando uma cauda. Já havia feito incursões em tantos outros cantos de vida que me deram prazer e realização. Então, fui-me apresentando e me mostrando de modo integral, como tenho o hábito de fazer. O que está neste pequeno opúsculo é o produto de uma caminhada ainda breve e de um caminho de desafios e aprendizados. Juntei coisas que publicamente foram mostradas e que, também publicamente – e para minha felicidade –, foram reconhecidas pelo meio cultural. Espero que tenham aproveitado este começo de andança e os aguardo, logo logo, em novas perambulações.



ANDANÇAS

POR ANA ZAVADIL

Curadora

A poética de Ricardo Giuliani é construída por meio da pintura e do desenho, e a narrativa contida em cada trabalho gravita em diversos setores, como o político, o social, as meras cenas do cotidiano ou ainda as andanças percorrendo universos alheios ou pessoais e que são geralmente ilustrados por seus personagens ciclistas. Andar em busca de si mesmo, ir ao âmago para depois deixar-se levar somente pelos sentimentos, pelas paixões que nos trabalhos são reveladas por pinceladas coloridas ou linhas soltas, ora criando situações caóticas, ora sutis, mas sempre sinceras, por vezes pueris, debochadas, mas acima de tudo expressivas. Os ciclistas contam histórias, porque são viajantes do tempo. Tempo fracionado pelas vicissitudes da vida que, nessas histórias, representam o tempo real e o tempo poético.

Na sua vida pública, Giuliani fechou um ciclo. Na sua vida pessoal, abre outro, em que potencializa as suas experiências perceptivas e sensoriais e as coloca a serviço da arte. A dedicação que ora está

voltada à arte já esteve em outras instâncias, e a sua inquietude faz parte de sua natureza. Compenetrado em tudo o que faz, mergulha a fundo no mundo da imaginação, da criação e da sensorialidade.

Quando começou a produzir para esta exposição, sem um foco definido, suas incursões na prática artística mostravam-se fracionadas, pois estava sem o mote específico. Buscava um norte em assuntos do cotidiano experimentando muitos materiais e todas as possíveis misturas entre eles que aplicava igualmente sobre tela ou papel. O senso de unidade desenvolveu-se paulatinamente até chegar ao tema que passou a dominar o conjunto dos trabalhos. A presença da bicicleta passou a ser constante, criando a densidade necessária para narrar as cenas e contar as histórias. Nesse momento, surge uma forte relação entre as partes e o todo. A construção é orgânica, as linhas e as manchas misturam-se em variações que instigam no observador o desejo do desvelamento, já que nem sempre o desenho ou a pintura nos são dados sem a devida incursão por seus meandros ou pelas suas fendas entreabertas para que possamos definir o que é figura

e o que é fundo. Muitas vezes, a figura composta por linhas densas sobrepõe-se ao fundo e diz ao que veio, quando as linhas dos personagens são percorridas pelo olhar e causam ressonâncias em todo o trabalho. A figura torna-se a parte mais importante do trabalho quando irrompe criando naquele espaço o momento de ser e estar no mundo. Mesmo quando são duas figuras com linhas de mesma intensidade e emblematicamente misturadas formam uma unidade visual.

Os dois estilos abordados, o pictórico e o linear, apresentam-se com especificidades próprias, enquanto o primeiro traz a solidez da figura, o segundo traz o aspecto mais fugidio. O pictórico é mais consistente quando a linha perde o seu caráter de delimita-lo. Mas isso é mais raro de acontecer, visto que a linha aparece na grande parte dos trabalhos com muita força, contornando e envolvendo a forma. Os critérios para a sua utilização são variados, ora ela é densa feita a pincel com um preto inequívoco, ora ela é traçada à grafite com variadas nuances, contudo a energia que elas possuem é visível e transformadora. As linhas fazem o movimento ecoar na superfície através do ritmo intenso que

não permite nenhuma situação estática. As cores ousadas e em profusão criam altos e baixos. As intensidades variam, pois em meio à certa suavidade de azuis pode surgir um vermelho inesperado que toma conta da cena inteira.

Quanto à poética, a capacidade de experimentação de diversos materiais é uma prática constante, o suporte pode ser tela ou papel (vários tipos), e os materiais vão desde a tinta a óleo passando pela acrílica, aquarela, guache, carvão, grafite, nanquim e canetas, pastéis secos e oleosos. Em geral, usa colagens com Jornais ou então o método de lavar a tela. Os materiais são usados em combinações, como aquarela e pastel, óleo com carvão, grafite ou carvão com acrílica, etc., buscando tirar o proveito que cada material pode proporcionar sozinho ou associado a outro. As potencialidades de cada material o levam por múltiplos caminhos, todos de mão dupla, permitindo-lhe o ir e vir, o refazer, o retomar, onde nada é impossível, tudo é passível de estudo, de uso e de metamorfoses. As colagens de jornais na tela retomam o seu gosto pelas palavras e criam contrapontos nos trabalhos, às vezes servindo de fundo aos desenhos que vão se sobrepondo

e criando camadas, às vezes em hibridismos na junção com outros materiais. As veladuras feitas a partir de colagens de papel transparente é outro recurso empregado para criar sobreposições de materiais e de narrativas. A energia expressiva dos trabalhos é conquistada tanto pelas formas quanto pela diversidade e sobreposição dos materiais.

A repetição do gesto ou do mesmo elemento formal está presente no processo operatório (formal e poético), ligado à sua maneira de trabalhar. Ricardo Giuliani tece o gesto criativo e nutre os trabalhos de qualidade atingindo a unidade plástica.

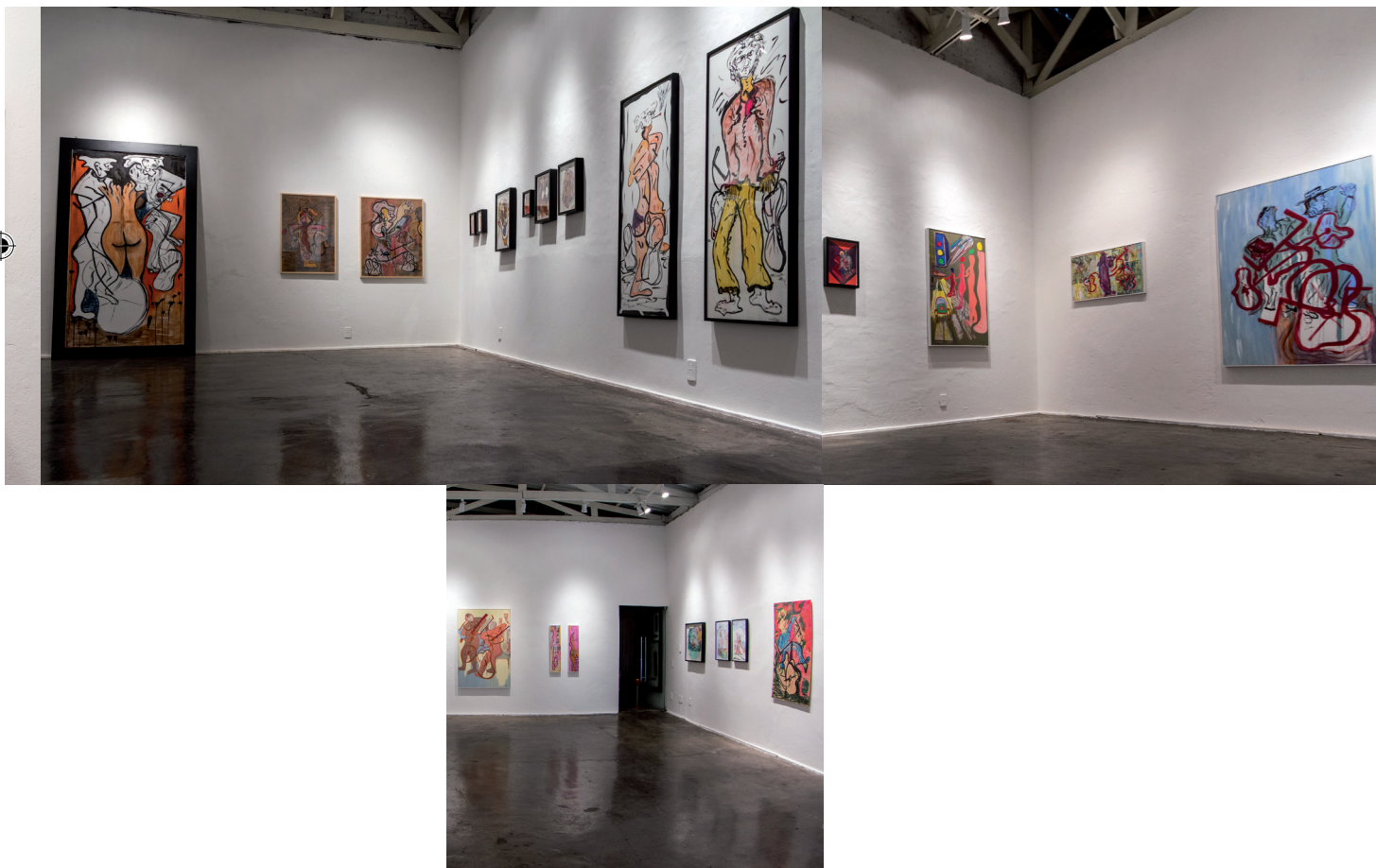
A série de trabalhos está pautada na figura de ciclistas e surgiu inicialmente com dois ou três trabalhos que se destacaram entre tantos temas. Com base nessa proposta, foi elaborada a maior parte desta produção, em que ele buscava criar uma série com uma unidade conceitual. Muitos artistas usaram a bicicleta em séries de trabalhos, o mais importante foi Iberê Camargo, que a usou como analogia do tempo em um jogo entre passado e presente. Aqui, a figura do ciclista vive cenas cotidianas relacionadas ao

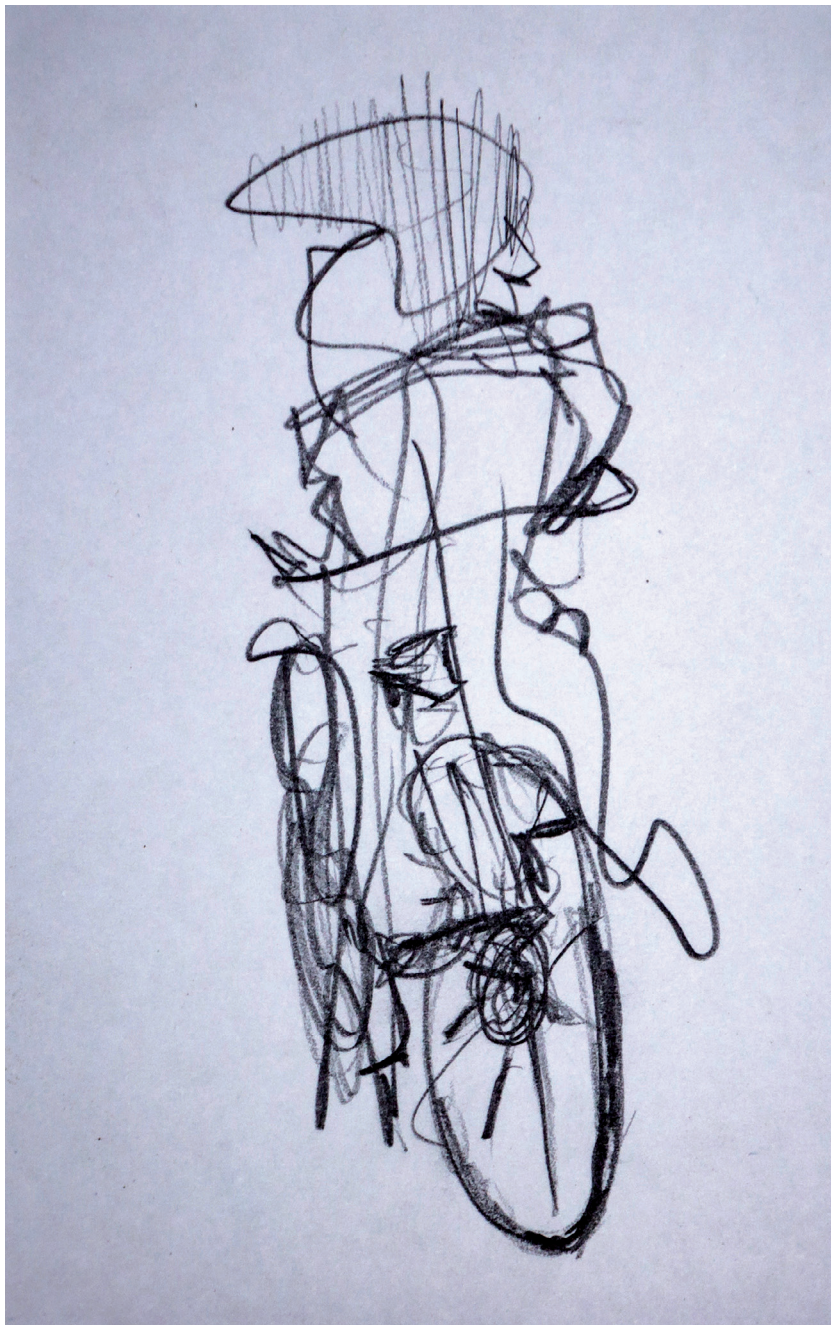
presente e onde cada um assume um personagem: secretária, político, garçom, músico, etc.

O processo criativo propicia um embate entre mente e corpo no ato de criar pele para os trabalhos até chegar à densidade de um corpo pictórico ou um corpo feito de linhas, ou de Jornais e tinta, em que as camadas vão lentamente tecendo as costuras e impondo as cisões.

Andanças é uma palavra que abarca vários sentidos, pode ser ato de andar, ação de conhecer ou ir a muitos lugares ou ação de andar muito e rápido. Analisando a palavra que dá título à mostra e interpretando os seus sentidos, podemos perceber que o conjunto de trabalhos evidencia a ação dos ciclistas de andar e ir a lugares diferentes e tecer relações com o artista que por meio deles se permitiu andar porque ele andou muito e rápido, aprendeu a conhecer a si mesmo nessa imersão e fez um caminho que lhe trouxe um novo olhar sobre as coisas à sua volta um caminho só de ida, já que a volta não seria mais a mesma, uma vez que o processo criativo estabeleceu uma identidade própria e criou novos rumos para a sua arte.







ANDANÇAS I
Grafite sobre papel
10 x 8,5 cm
2013





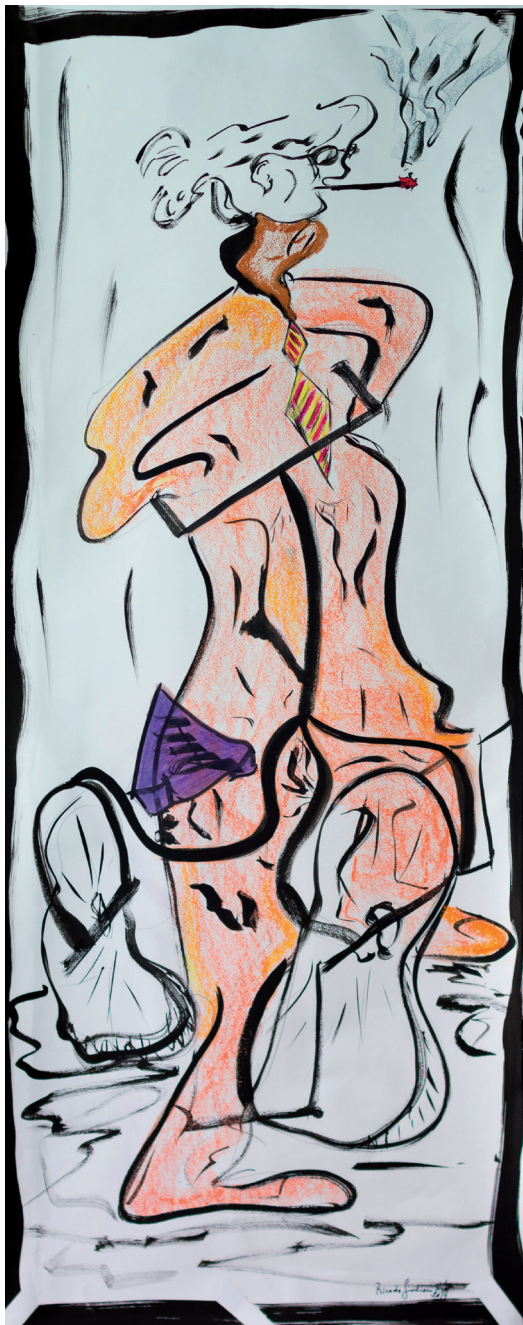
ANDANÇAS II
Grafite sobre papel
30 X 11 cm
2014





SEM TÍTULO
Pastel e naquim sobre papel
140,5 X 57 cm
2014





SECRETÁRIA
Pastel e naquim sobre papel
140,5 X 57 cm
Acervo particular
2014





SEM TÍTULO
Pastel e naquim sobre madeira
120 X 80 cm
2014



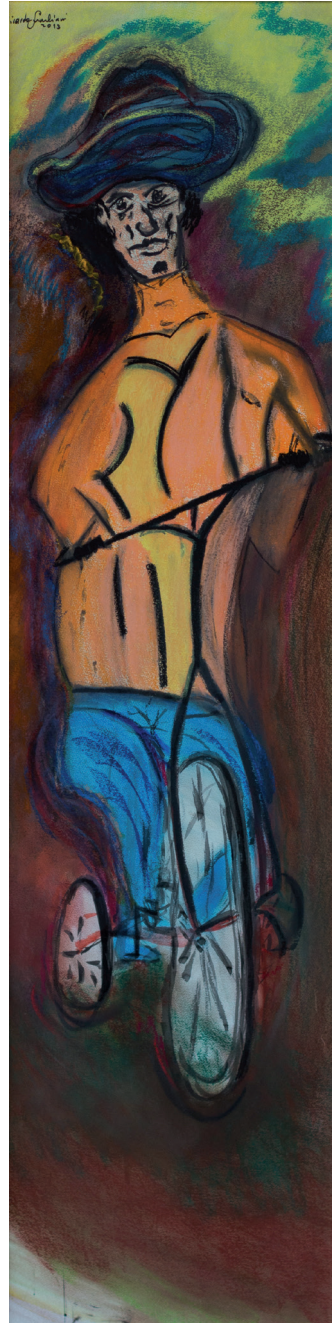


SEM TÍTULO
Giz pastel, aquarela e hidrocor sobre papel
30 x 11 cm
2013





SEM TÍTULO
Pastel e naquim sobre papel
147 X 27 cm
2013



BICICLETA I
Pastel e naquim sobre papel
146 X 37,5 cm
2013

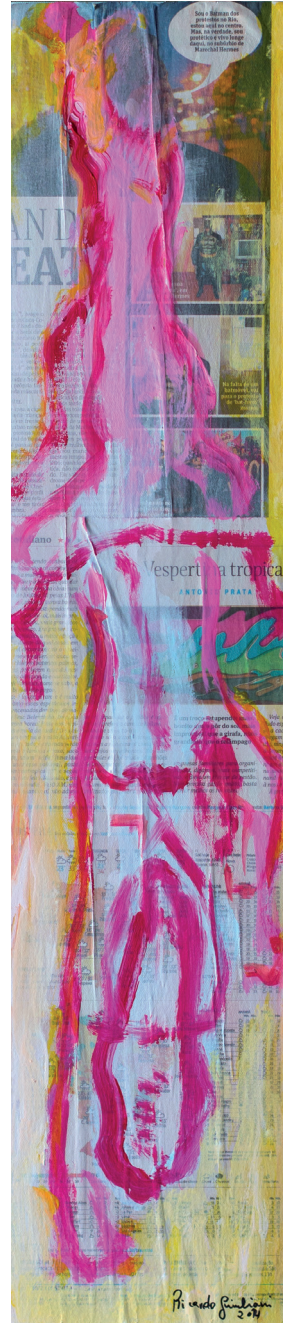


SEM TÍTULO
óleo, acrílica, naquim e colagem sobre madeira
120 x 40 cm
2014





PAPA
Acrílica e colagem sobre tela
90 x 20 cm
2014



SEM TÍTULO
Acrílica e colagem sobre tela
90 X 20 cm
2014



MOTONETA
Aquarela sobre papel
24x15 cm
Acervo particular
2013





PARLAMENTAR
Pastel e naquim
sobre papel
62 x 52 cm
2014



BICICLETEIROS IV
(INSINUAÇÃO)
Pastel, naquim e colagem sobre
papel kraft
96 x 66 cm
2014





BICICLETEIROS VI (A FUGA)
Giz pastel, nanquim, guache e papel sobre MDF
214 x 115 cm
2014





DESPEDIDA
Acrílica sobre tela
150 x 100 cm
2014





MUSICANDO
Acrílica e colagem de jornal sobre tela
150 x 100 cm
2014



CAOS URBANO
Acrílico e colagem de jornal sobre tela
120 x 80 cm
2014





SEM TÍTULO
Aquarela sobre papel
39 x 20 cm
2013



LATIFÚNDIO
giz pastel, guache, naqim e papel
vegetal colado sobre papel
60 x 42,5 cm
2014





IMPRESSÕES
Giz pastel, naquim e papel vegetal
colado sobre tela
40 x 30 cm
2013



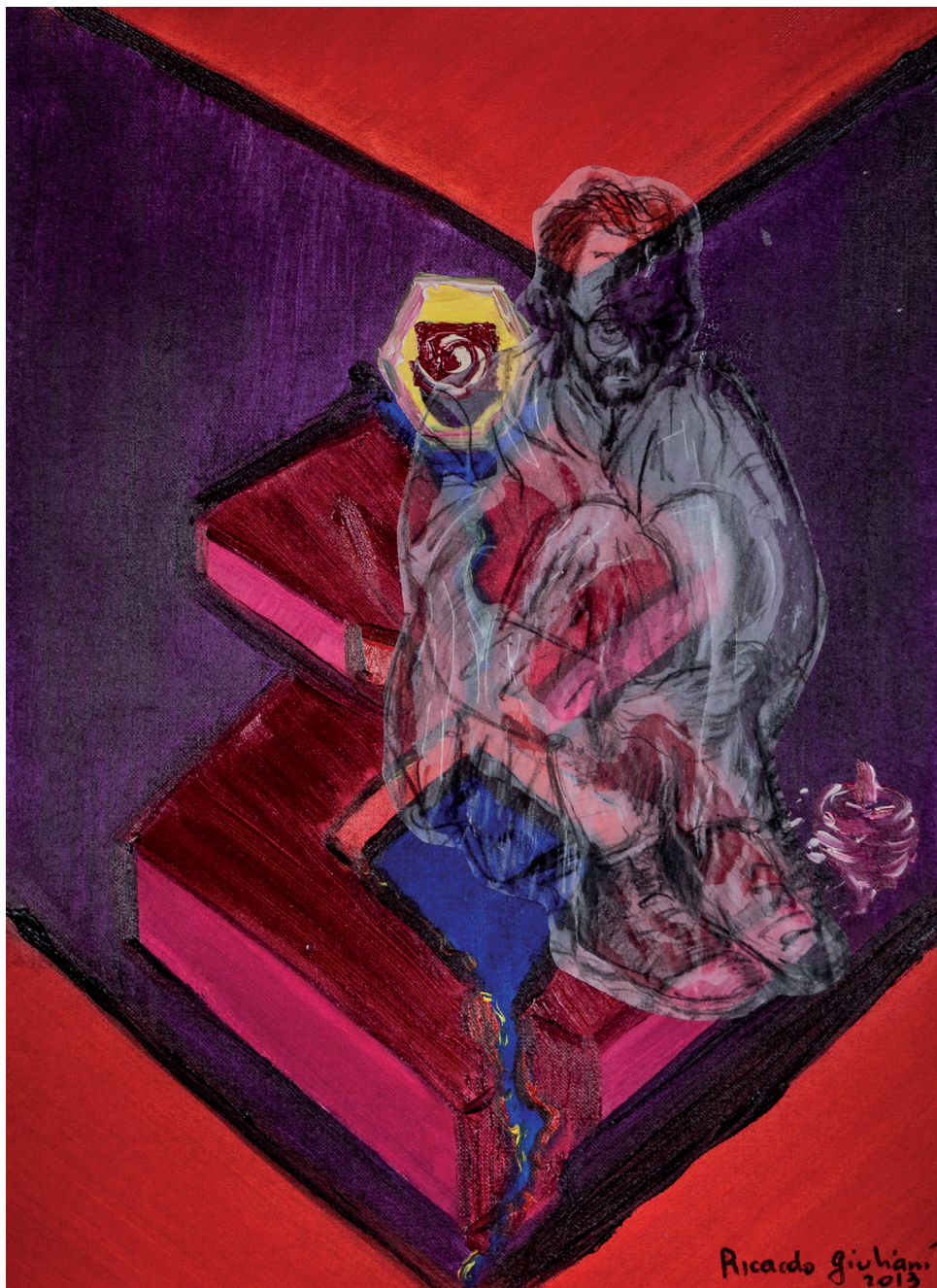


SEM TÍTULO
Aquarela, guache e nanquim
sobre papel
41 x 29 cm
Acervo particular
2013





PALHAÇO
Aquarela
20 X 14,5 cm
Acervo particular
2013



INFÂNCIA I
Óleo sobre tela com colagem
de nanquim sobre
papel vegetal
40 x 30 cm
2013



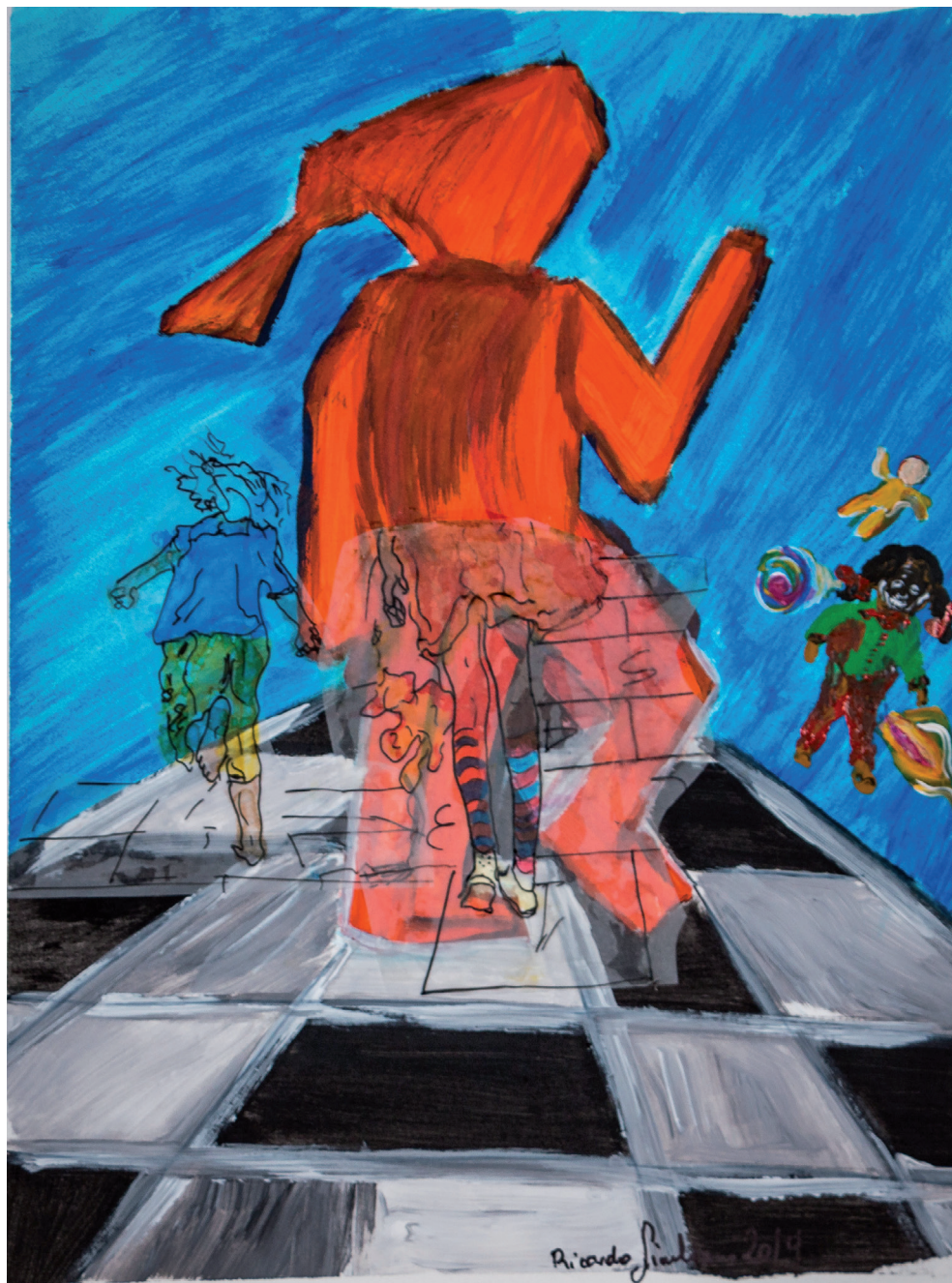


INFÂNCIA II

Acrílico com nanquim em papel
vegetal colados sobre papel

60 x 42 cm

2014



AMARELINHA
Acrílica, nanquim, caneta
marca texto, papel vegetal
colado sobre papel
38 x 29 cm
2014





PERAMBULANÇAS



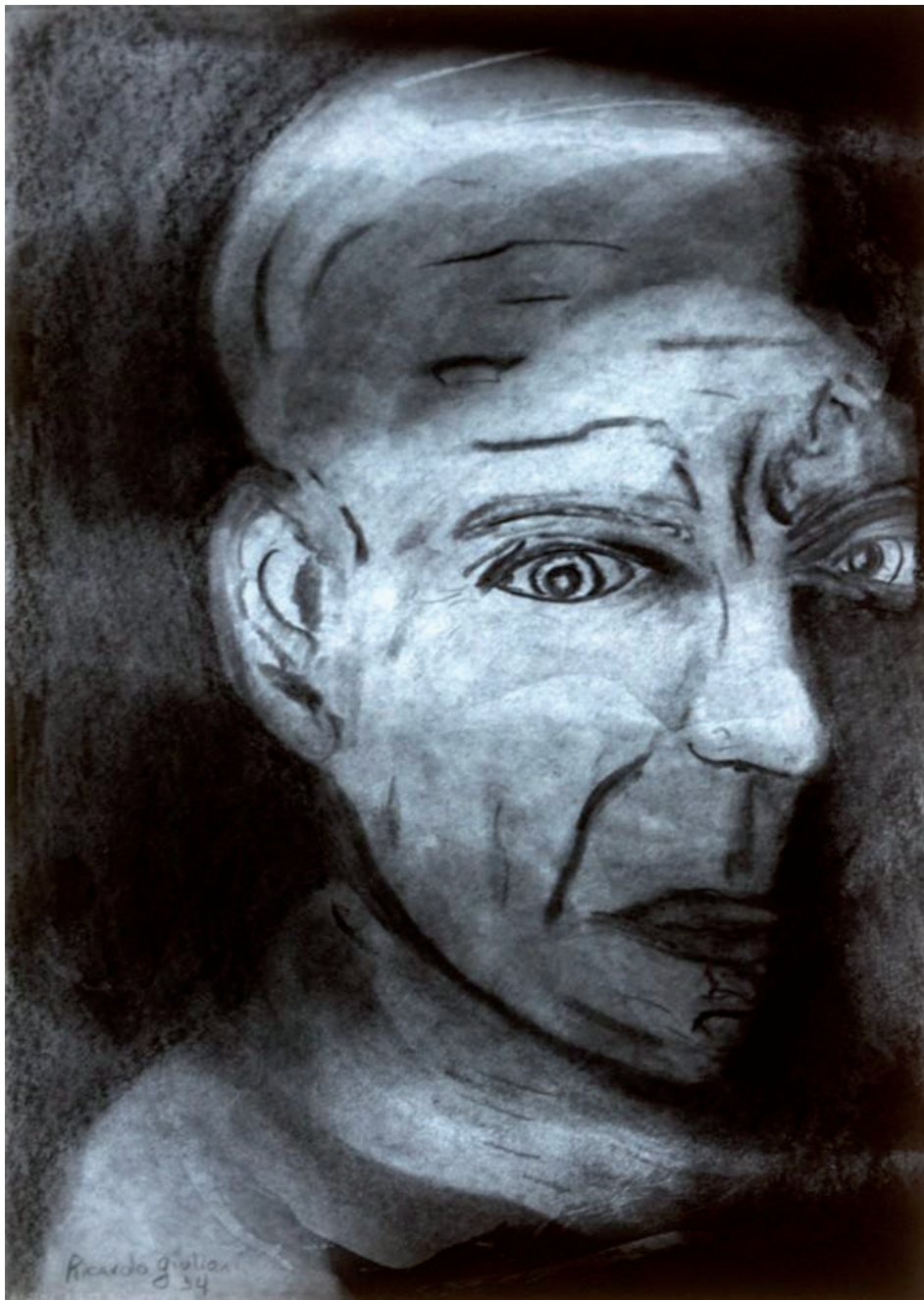


Exposição *O Cãnone Pobre - Uma Arqueologia da Precariedade na Arte*, MARGS,
Porto Alegre, RS, 2014

Publicação na *Revista Tes|xOH*, vol.2. n.5, ago-dez, 2014

Acervo do MARGS

YOKO
Óleo e colagem sobre tela
90 x 20 cm
2014



Exposição *Seleção da Chico –
Cultura e Cotidiano*, 2014

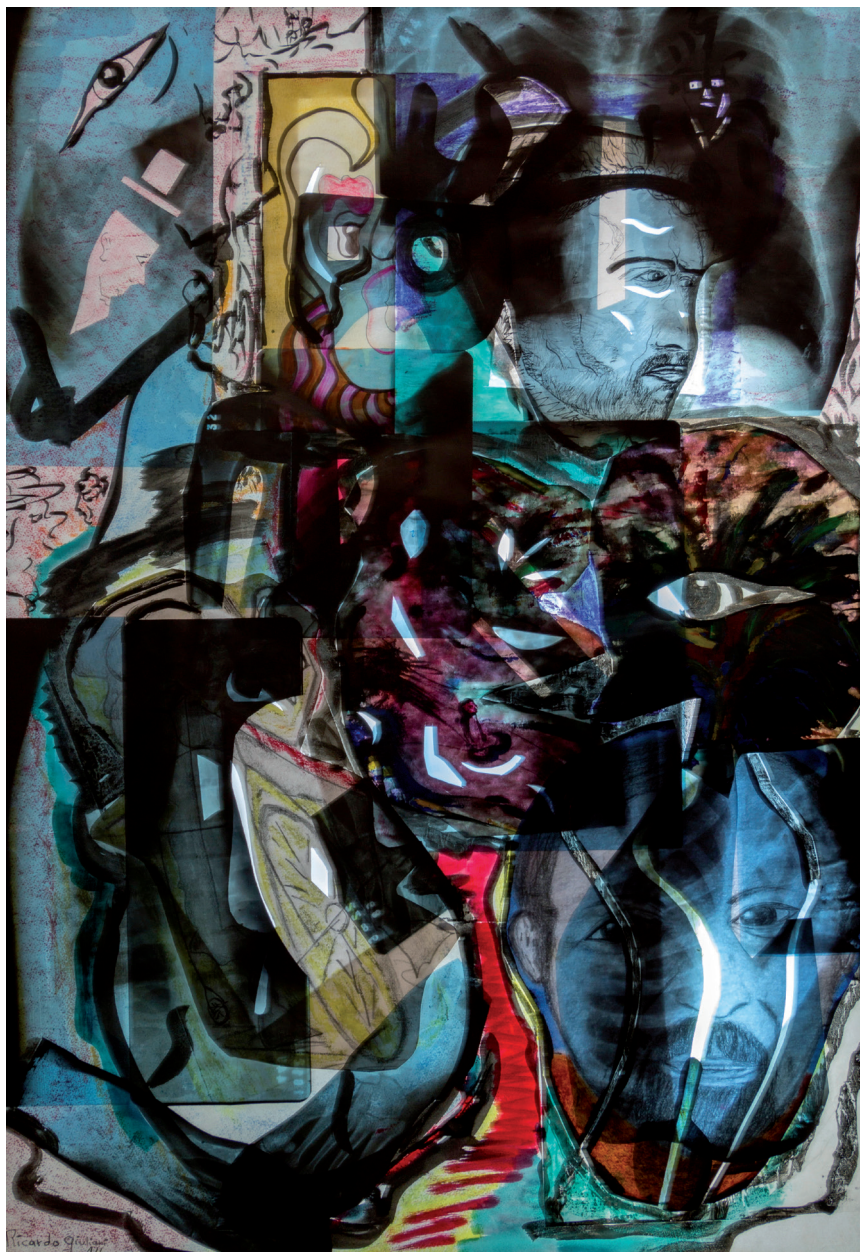
Exposições Itinerantes no RS
Arte+Arte: Visões da Liberdade
– Recorte de Fotografia, 2015

COMO TE VEJO
Chapa de RX,
grafite em backlight
42 x 35 cm
2014





Exposição *Arte + Arte: Visões da Liberdade*, Associação Chico Lisboa, Museu dos Direitos Humanos, Porto Alegre, RS, 2014



SEM TÍTULO
Colagem de Chapas de RX sobre
papel e gravuras mistas em backlight
110 x 95 cm
2014



Exposição 20º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, 2014

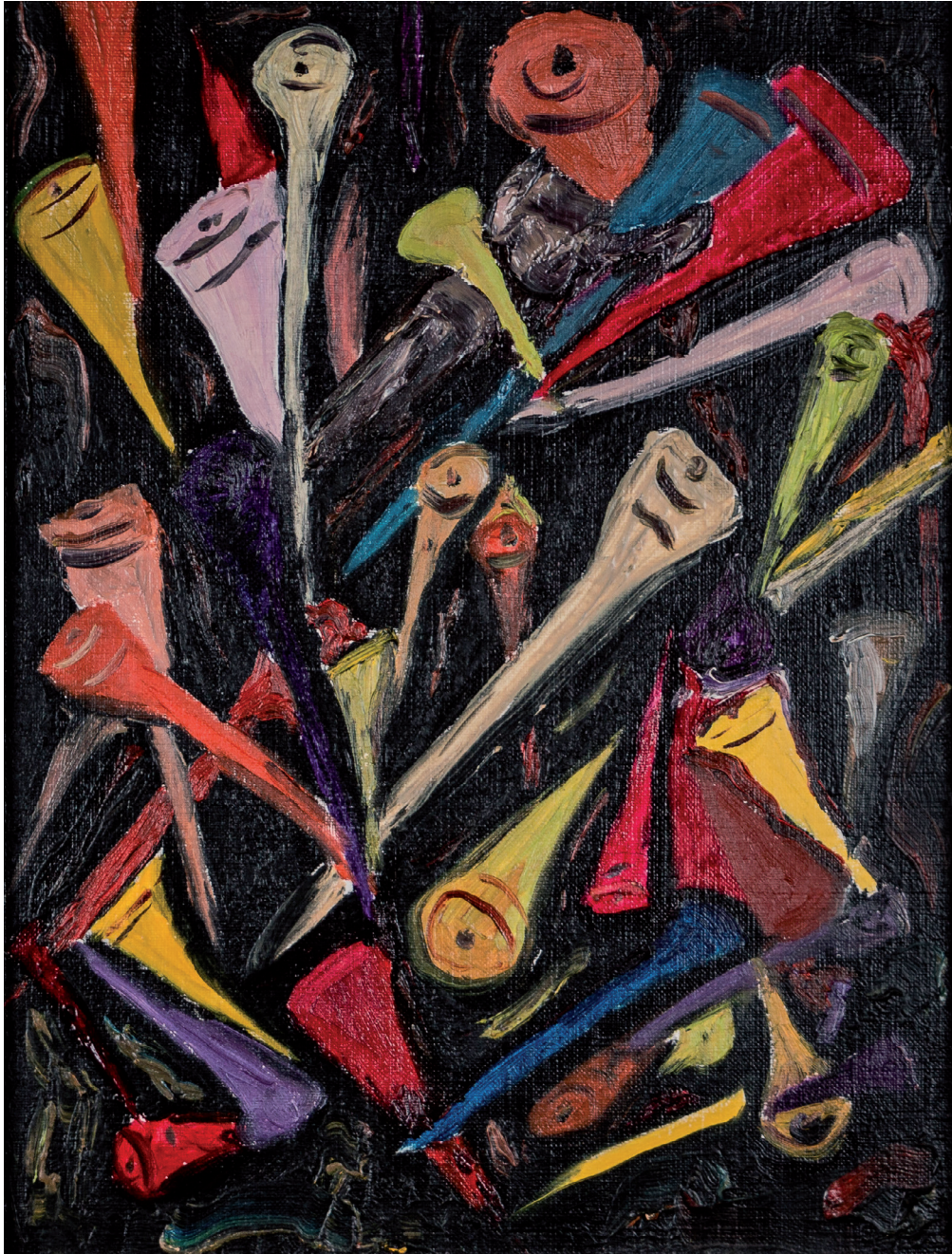


SEMBLANTES
Desenho. Colagem
de Chapas de RX sobre
papel com lápis de cor
e nanquim
55,5 x 43,5 cm
2014

Exposição 20º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, 2014



AS FACES QUE VEJO
Desenho. Colagem
de Chapas de RX sobre
papel com lápis de cor
e nanquim
41 x 34 cm
2014



Capa da Revista
Brasileira de Psiquiatria
TRENDS, vol. 36, n. 2,
Abril-Junho, 2014

TEES
Óleo sobre tela
40 x 30 cm
2013

Ilustração para o Romance *Marcha de Inverno* de Gustavo Machado



SEM TÍTULO
Nanquim sobre papel
29,5 x 21 cm
2013

Mural da exposição *Lá Fora II*
Pátio da Associação Riograndense de Artistas Plásticos Francisco Lisboa (Chico Lisboa)
Porto Alegre, RS
2015



MIDIOTA
Mural com grafitagem,
colagem e objeto
622 x 240 cm
2015



I Bienal C
Exposição *Contextos e Inquietações*
Galeria de Arte do DMAE,
Porto Alegre, RS
2015

SEM TÍTULO
Colagem e desenho com
Chapa de RX e naquim
sobre chapa de plástico
polionda
200 x 70 cm cada
2015



Exposição 5º Salão Fundarte/SESC de Arte 10x10
Montenegro, RS
2015



BRASIL
Nanquim, jornal, tinta acrílica,
chapa de RX, acetato e moldura
com backlight
10 x 10 x 3 cm
2015



CICLOVIA
Nanquim, jornal, giz de cera e
recorte sobre papel, moldura
com backlight
10 x 10 x 3 cm
2015



TRAVESSIA
Nanquim, jornal, giz de cera e
recorte sobre papel, moldura
com backlight
10 x 10 x 3cm
2015



RICARDO GIULIANI

Artista Visual

RICARDO GIULIANI,

(Ricardo Giuliani Neto),
Quaraí/RS, 1963; autodidata.
Artista visual desde 2012.

Exposições Individuais: 2014

Andanças, Galeria Arte&Fato
Galeria, Porto Alegre, RS;
Vice-Consulado do Brasil no
Departamento de Artigas, Uruguai.

Exposições Coletivas: 2015

*5º Salão Fundarte/SESC de Arte
10x10*, Montenegro, RS; *Prenúncios
da Primavera*, UCS, Caxias do Sul,
RS; *Lá Fora II*, Pátio da Associação
Chico Lisboa, Porto Alegre, RS,
Marcadores da Arte, Espaço
Cultural da Chico Lisboa, Porto
Alegre, RS e UCS, Caxias do Sul, RS;

*Arte+Arte Visões da Liberdade -
Recorte de Fotografia*, itinerância
na UCS, Caxias do Sul, RS.

Exposições Coletivas: 2014 3ª

Mostra Dez ao Cubo, Galeria Arte
& Fato, Porto Alegre, RS; *O Cânone
Pobre - Uma Arqueologia da
Precariedade na Arte*, Museu de
Artes do Rio Grande do Sul, Porto
Alegre, RS; *Seleção da Chico:
Cultura e Cotidiano*, Espaço Cultural
da Chico Lisboa, Porto Alegre, RS;
*20º Salão de Artes Plásticas da
Câmara Municipal de Porto Alegre*,
RS; *Arte+Arte. Visões da Liberdade,
Memorial do Rio Grande do Sul*,
Porto Alegre, RS e itinerância na
Casa das Artes Regina Simonis, em
Santa Cruz do Sul, RS; *Um Agosto*



para Recordar, Espaço Cultural
Viva-URI, Erechim, RS.

Obras em acervo: possui obra no
Acervo do MARGS, Porto Alegre,
RS e na URI em Erechim, RS.

Premiação: *Destaque Cutural* no
Prêmio Luiz Menezes, concedido
pelo município de Quaraí em 2015.

Publicações: 2014

A obra *Tees* foi publicada na capa
da Revista Brasileira de Psiquiatria
Trends, vol.36, n.2, abr-jun, 2014,
e a obra *Yoko* na Revista Tes|x0H,
vol.2, n.5, ago-dez, 2014, publicada
pelo MARGS. Com atividades
no meio cultural na Música e na
Literatura, sendo finalista do
Prêmio Açorianos, categoria
Crônica, em 2012.





As cores ousadas e em profusão criam altos e baixos.

Carvão, óleo, lápis, acrílico, papel, tela, madeira ou “chapas” radiológicas, não importa. Tudo é meio e plataforma para mostrar o mundo como ele mesmo vê.

Arte é sensação, sentimento, é capacidade de ser (in)compreendido [...]

A minha obra, como qualquer obra humana, não existe para mim mesmo ou para o meu agrado. Ela existe porque faço arte!

ANDANÇAS PERAMBULANÇAS

[...] a figura composta por linhas densas sobrepõe-se ao fundo e diz ao que veio, quando as linhas dos personagens são percorridas pelo olhar e causam ressonâncias em todo o trabalho.

Andar em busca de si mesmo, ir ao âmago para depois deixar-se levar somente pelos sentimentos, pelas paixões que nos trabalhos são reveladas por pinceladas coloridas ou linhas soltas, ora criando situações caóticas, ora sutis, mas sempre sinceras, por vezes pueris, debochadas, mas acima de tudo expressivas.

Não há arte que não guarde, mesmo que em diminuta carga, um pedaço do artista que a cometeu.

Os ciclistas contam histórias, porque são viajantes do tempo.

